

# A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá

*The phonetic vocalization of post-vowel /S/ in the municipalities of Boca do Acre, Lábrea and Tapauá*

Edson Galvão Maia\*

**Resumo:** Esta pesquisa inscreve-se na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, proposta por Radtke e Thun (1996). Investigaram-se as variantes do /S/ pós-vocálico no falar dos habitantes de três localidades pertencentes à Microrregião do Purus, no Estado do Amazonas: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. Para a realização deste trabalho foram consideradas as variáveis gênero e faixa etária, a fim de se observar a influência desses fatores na escolha das variantes pelo falante. Da mesma forma, realizou-se uma análise à luz das teorias fonológicas, a saber a Teoria Gerativa Clássica de Traços Distintivos proposta em *The Sound Pattern of English* (SPE), de Chomsky e Halle (1968) e a Teoria da sílaba, para a melhor compreensão do fenômeno no próprio sistema linguístico. Nesta pesquisa, foram investigados 18 informantes residentes nas localidades em estudo, distribuídos da seguinte forma: 6 informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher em cada uma das três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante). Os dados resultaram em 51 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, que apontam o uso da variante alveolar como mais frequente na região. No entanto, a análise do fonema

---

\* Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas / Universidade Estadual de Londrina, galvaedson@hotmail.com

em contextos específicos revelou que as variantes são condicionadas por determinados contextos, dos quais se citam a variante pós-alveolar, que é privilegiada principalmente pelo contexto medial antes de oclusiva [t]; a variante aspirada, condicionada pelo contexto anterior a lateral e nasal; e o apagamento que ocorre frequentemente em contexto final, quando o /S/ é morfema de plural. A análise pelos fatores sociais, por sua vez, revela como variante conservadora a pronúncia alveolar, enquanto a aspirada parece ser a mais inovadora. A análise revela também a localidade de Tapauá como a mais conservadora e a localidade de Lábrea como a mais inovadora.

**Palavras-chave:** Dialeto plural. Fonologia. /S/ pós-vocálico.

**Abstract:** *This research fits in the perspective of Pluridimensional Dialectology, proposed by Radtke & Thun (1996). We investigated the variants of the / S / post-vocalic in the speech of the inhabitants of three villages belonging to the micro-region of Purus, the State of Amazonas: Boca do Acre, and Lábrea Tapauá. For this study, we considered the variables gender and age in order to observe the influence of these factors in the selection of variants by speaker. Likewise, there was a review in the light of phonological theories, namely the Generative Theory of Classical Distinctive Traits proposed in The Sound Pattern of English (SPE), Chomsky and Halle (1968) and the Theory of the syllable, for the best understanding of the phenomenon in this language system. In this study, we investigated 18 informants living in the localities under investigation, distributed as follows: 6 informants in each locality, being a man and a woman in each of three age groups (18-35 years old, 36-55 years old and 56 years old on). The data resulted in 51 phonetic letters and 13 contextual phonetic letters, that indicate the use of the alveolar variant as the most frequent in the area. However, the phoneme analysis in specific contexts showed that variants are conditioned by certain contexts, of which we cite the post-alveolar variant that is particularly preferred by the medial context before occlusive [t]; the aspirated variant, conditioned by anterior context, the lateral and the nasal; and deletion that occurs often in end context, when the / S / is a plural morpheme. The analysis by social factors, in turn, reveals as conservative variant the alveolar pronunciation, while the aspirated variant seems to be more innovative. The analysis also reveals the location of Tapauá as the most conservative and the location of Lábrea as the most innovative.*

**Keywords:** *Pluridimensional dialectology. Phonology. Post-vowel / S /.*

## Introdução

O trabalho que ora se apresenta trata-se de um resumo da dissertação intitulada *A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá*, defendida, em 2012, por Edson Galvão Maia, no Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Esta pesquisa de cunho dialetal, apoia-se nos preceitos teóricos da Sociolinguística, ao controlar além do fator geográfico, os fatores sociais e linguísticos que podem estar atuando na variação do fenômeno em estudo.

Os estudos dialetais têm contribuído significativamente para a caracterização do português brasileiro, registrando e analisando os seus diversos falares. Dentre os vários fenômenos de interesse dos pesquisadores, encontra-se o estudo do comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico tanto em contexto medial (como na palavra “mesmo”) quanto final de palavra (como na palavra “mas”). Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno, como os de Callou e Moraes (1996) e Scherre e Macedo (1991), mostrando que nos falares do português do Brasil há uma considerável variação do /S/ pós-vocálico. Segundo Scherre e Macedo (1991), esse fonema pode realizar-se de quatro formas: alveolar surda e sonora [s , z], pós-alveolar surda e sonora [ʃ , ʒ], glotal [h , ð] e zero fonético ø.

No Amazonas, em dados registrados no Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM (CRUZ, 2004), observam-se diferentes realizações dessa fricativa em alguns municípios. A pesquisadora levanta a hipótese de que os falares dos rios Negro e Amazonas são caracterizados pela pronúncia pós-alveolar, como em [ˈmajʃ], e os do Rio Solimões pela alveolar, como em [ˈmajs]. Considerando ser o ALAM o resultado de uma pesquisa feita com questionário aplicado a informantes de baixa escolaridade (até a 4ª série do Ensino Fundamental) no interior do estado, em contexto de fala formal (perguntas e respostas objetivas), seguindo os critérios da Geolinguística, com apenas um representante de cada microrregião, fazia-se necessária uma investigação também em outros municípios, na qual se poderia observar a realização do /S/ pós-vocálico e ainda verificar a influência de fatores externos como gênero e faixa etária na escolha de uma ou outra variante.

Dessa forma, escolheu-se a microrregião do Purus, que compreende os municípios de Lábrea, Canutama, Tapauá, Pauini e Boca do Acre, uma região nunca explorada do ponto de vista linguístico, a não ser a cidade de Lábrea, investigada no ALAM. Assim, seria possível a ampliação das localidades estudadas pelo ALAM e, conseqüentemente, um melhor conhecimento das particularidades do falar amazonense, uma vez que esta é uma região tão parcamente explorada do ponto de vista linguístico, bem como para a compreensão da língua portuguesa enquanto sistema diversificado e organizado, oferecendo, a quem interesse, subsídios para um ensino e aprendizagem que considere as variedades dialetais do país.

Neste sentido, esta pesquisa dialetal, de cunho dialetológico e fonológico, objetivou primordialmente contribuir para a caracterização do falar amazonense, seja a partir do registro e análise das ocorrências do fenômeno em estudo, seja por meio da elaboração de um banco de dados que possibilite futuras pesquisas dialetais na área.

De modo específico, objetivou-se investigar as variantes do /S/ pós-vocálico, nos contextos medial e final de palavra, no falar de três das cinco localidades que compõem a Microrregião do Purus: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, considerando as variáveis gênero e faixa etária, a fim de observar a influência desses fatores na escolha das variantes pelo falante. Tais procedimentos inscrevem esta pesquisa na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, uma vez que não só a dimensão diatópica é contemplada, mas também as dimensões diageracional e diagenérica.

Ainda objetivou-se observar os contextos fonológicos (linguísticos) que condicionam a realização de uma ou outra variante do /S/ pós-vocálico nesse falar, de modo a descrever os processos fonológicos envolvidos na articulação do fonema em estudo. Para essa tarefa, contou-se com a teoria clássica de traços distintivos, proposta por Chomsky e Halle (1968) e com a teoria da sílaba, principalmente os estudos sobre a sonoridade, conforme se apresenta a seguir.

## Referencial Teórico: A sonoridade como princípio de boa formação silábica

A sonoridade vem sendo focada nos estudos fonológicos desde o final do século XIX, por linguistas como Sierves (1881) e Jespersen (1904), mostrando que ela governa a ordem dos segmentos no interior da sílaba.

Alves e Keller (2010, p.64) explicam que foneticamente cada sílaba da palavra possui um pico de sonoridade, isto é, um segmento que se sobressai sobre os demais e que marca o elemento silábico. A partir desse pico, em direção às margens da sílaba, ocorre uma sequência de segmentos com um decréscimo progressivo de sonoridade, de modo que, quanto mais afastado do núcleo o segmento está, menos sonoro ele torna.

De acordo com Hora *et al.* (2010, p. 72), as posições de ataque e coda, no que diz respeito à sonoridade, são consideradas mais débeis e, por isso, não são obrigatoriamente preenchidas, diferentemente do núcleo.

A fim de expressar a diferença sonora dos segmentos, Jespersen (1904, apud HOOPER, 1976) propõe uma escala de sonoridade que vai de [–soante] a [+soante], conforme especificada a seguir:

Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < *trill* e *tape* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas.

Assim, as vogais, por serem mais sonoras, na maioria das línguas, dentre elas o português, ocupam a posição de núcleo. O ataque, por iniciar a sílaba, é ocupado preferencialmente por consoantes menos sonoras. Já a coda, posição de travamento silábico, é ocupada por consoantes mais sonoras.

Sílabas bem formadas são sílabas que obedecem a princípios de boa formação, dos quais a sonoridade é elemento principal. Um desses, por exemplo, é o Princípio de Sequência de Sonoridade (CLEMENTS, 1990), segundo o qual se estabelecem entre membros de uma sílaba e o pico silábico apenas sons com alto grau de sonoridade. Logo, observa-se a tendência existente nas línguas de manterem próximos aos núcleos apenas os segmentos mais sonoros.

## Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos de coleta de dados seguem as orientações do método geolinguístico, o qual, de acordo com Cardoso (2010), está fundamentado em um tripé básico constituído pela rede de pontos, os informantes e os questionários, por sua vez, estabelecidos à luz de diferentes perspectivas.

Nesta pesquisa, optou-se por estudar uma microrregião do Estado do Amazonas, a Microrregião do Purus, pertencente à Mesorregião do Sul Amazonense. Brandão e Moraes (1995 *apud* CRUZ, 2004) apontam que a seleção dos pontos tradicionalmente é feita com base em pelo menos dois dos seguintes critérios: histórico, geográfico, demográfico e socioeconômico. Assim, dentre os cinco municípios da microrregião, selecionaram-se três: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. Essa escolha obedeceu à junção de todos esses critérios, bem como à literatura em Dialectologia.

No que concerne à seleção dos informantes, no intuito de estabelecer um padrão no Amazonas, o que permitirá estudos comparativos das diversas áreas pesquisadas em diferentes projetos, optou-se por manter nesta pesquisa o mesmo número de informantes por localidade do Projeto ALAM. Assim, foram investigados 18 informantes naturais do ponto linguístico, com escolaridade até o 5º ano do ensino fundamental, 6 por localidade, sendo um homem e uma mulher distribuídos em 3 faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos e mais de 56 anos).

Na elaboração do questionário fonético-fonológico aplicado na pesquisa foram privilegiadas todas as questões do Atlas Linguístico do Brasil e do Atlas Linguístico do Amazonas que tratavam do fonema /S/ em posição de coda silábica. Porém, a natureza desses trabalhos (são atlas e registram muitos fenômenos) requer um número reduzido de questões. Para isso, foi necessário elaborar outras questões a fim de garantir um número confiável para atingir os objetivos desejados. O questionário constitui-se, assim, de 53 questões e consiste de perguntas simples que direcionam o informante a uma única resposta.

O inquérito linguístico foi realizado *in loco* pelo próprio pesquisador e, posteriormente, foi feita uma transcrição grafemática completa das entrevistas.

Para esta etapa, seguiram-se as regras de transcrições do projeto Norma Urbana Culta (NURC), dispostas no livro *Análise de Textos Orais*, organizado por Dino Pretti (1993). Para a análise do fenômeno, fez-se a transcrição fonética dos vocábulos previstos pelo questionário e dos vocábulos nos quais aparecia o fonema em estudo, utilizando-se os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional – IPA.

Após essa fase, os dados foram contabilizados em programa computacional Excel, que gerou os percentuais apresentados na próxima seção. As cartas linguísticas que se apresentam no volume II da dissertação foram produzidas com o apoio dos programas Word, Excel e Paint e foram feitas pelo próprio pesquisador. Trazem dentro do mapa as transcrições fonéticas e fora dele os gráficos com os percentuais gerais e os percentuais por sexo e faixa etária.

## **Resultados: O /S/ pós vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**

Nas três localidades em estudo, observa-se que o /S/ pós-vocálico apresenta três variantes fonéticas: alveolar surda e sonora [s] e [z], pós-alveolar surda e sonora [ʃ] e [ʒ] e glotal surda e sonora [h] e [ɦ], e, às vezes, se apresenta apagado (zero fonético).

Contabilizando os dados coletados pelo QFF, sem considerar ainda nenhum contexto, a variante mais utilizada é a alveolar, corroborando com os dados de Cruz (2004) no Atlas Linguístico do Amazonas para a microrregião do Purus. Embora se entenda a dificuldade de expressar em números exatos a porcentagem de ocorrência, uma vez que a realização de um ou de outra depende do contexto em que se encontra o fonema e, no questionário, não foi possível equilibrar o número de questões para cada contexto, apenas a título de ilustração, apresenta-se uma tabela com o percentual de ocorrência de cada variante.

Vale ressaltar que, para a contagem dos dados em caráter geral, não foram diferenciadas as variantes surdas das sonoras, por entender que, para



caracterização diatópica, essa variação não é relevante. Por outro lado, para a análise por contexto fonológico, observou-se o traço de sonoridade, conforme se observa a seguir.

Tabela 1 – Percentual geral das variantes do /S/ pós-vocálico na região estudada

<b>Variante</b>	<b>Nº de ocorrência / porcentagem</b>	
<b>Alveolar surda e sonora</b>	505/871	57,98%
<b>Pós-alveolar surda e sonora</b>	177/871	20,32%
<b>Glotal surda e sonora</b>	111/871	12,74%
<b>Zero fonético</b>	78/871	8,96%

Se considerarmos esses resultados, os do ALAM (CRUZ, 2004), bem como os dos demais estudos realizados na região, no que se refere ao /S/ pós-vocálico, podemos relacionar a hipótese levantada por Cruz (2004) de divisão dialetal do falar amazonense em dois subfalares (falares do Rio Negro e Amazonas e falares do Solimões), à formação das cidades amazonenses e criar uma hipótese que explique tal fato. Essa explicação é simples e de cunho histórico. Os “falares do Solimões e seus afluentes”, dos quais faz parte o Purus, são marcados pelo modo de falar de origem nordestina do maranhense e do cearense, trazido pelos seringueiros a essa região do mapa, onde o ciclo da borracha foi mais forte e presente. Esse modo de falar sibila o /S/ em posição pós-vocálica. Já nas localidades dos rios Negro e Amazonas, apesar da presença nordestina, a maior influência é do modo de falar do português europeu. Nesse modo de falar é mais comum o chiado. Essas cidades, formadas em períodos distintos, têm como bases históricas as missões fundadas para “civilizar” os índios de diversas etnias. É importante lembrar também que Manaus, cidade dessa região e que apresenta índices significativos de chiamento, embora tenha sido a grande beneficiada com a extração do látex, não abrigava os seringueiros nordestinos, mas sim os coronéis e seus familiares, a grande maioria de descendência portuguesa. Dessa forma, estariam os “falares do Amazonas e Negro” caracterizados pelo uso da variante pós-alveolar do /S/ pós-vocálico. Não obstante, tal hipótese ainda precisa ser mais bem investigada.



É importante, porém, observar que as outras variantes apresentam índices que também merecem considerações, afinal juntos representam cerca de 42% dos dados que fogem à explicação histórica e/ou diatópica. Os estudiosos têm notado que uma análise que não considere os contextos fonéticos comete grave erro em generalizar o que talvez não se possa generalizar. Por essa razão, neste trabalho, privilegia-se a análise por contexto fonológico em detrimento de uma análise apenas geral. Assim, considerando os contextos apresentados nas cartas fonético-contextuais do segundo volume da dissertação, observa-se que as variantes são condicionadas pelos contextos linguísticos em que estão inseridas. Apresentam-se e discutem-se a seguir os resultados expressos nessas cartas, cartas essas advindas da reunião das cartas fonéticas por contexto fonológico. Por uma questão de espaço, neste artigo, reúnem-se os contextos de acordo com a realização fonética predominante, conforme se observa abaixo:

a) Contextos que privilegiam o uso da variante alveolar

Os contextos apresentados na tabela a seguir demonstram maiores índices de uso da variante alveolar do /S/ pós-vocálico.

Tabela 2 – Contextos fonético-fonológicos que privilegiam o uso da variante alveolar do /S/ pós-vocálico

Contexto	Exemplo	Alveolar	Pós-alveolar	Glotal	Zero Fonético
Medial anterior à fricativa /v/	Desvio	100%	0%	0%	0%
Medial anterior à oclusiva /p/	Espinha	98,11%	1,89%	0%	0%
Medial anterior à fricativa /f/	Desfile	92,45%	5,66%	0%	1,89%
Medial anterior à oclusiva /k/	Pescoço	90,4%	8,8%	0,8%	0%
Final como parte da raiz da palavra	Luz	89,71%	4%	2,86%	3,43%
Medial anterior à oclusiva /g/	Esgoto	86,11%	13,89%	0%	0%
Medial anterior à oclusiva /d/	Desbotada	54,55%	0%	45,45%	0%
Medial anterior à nasal /m/	Esmola	50%	1,19%	48,81%	0%
Medial anterior à oclusiva /b/	Esburacada	43,75%	0%	21,88%	34,38%

Conforme se observa acima, neste grupo, encontram-se os contextos em que a grande maioria das oclusivas e fricativas precede o /S/, com especial destaque para o contexto medial anterior à fricativa /v/, no qual o fonema se realiza categoricamente como alveolar. Os contextos em que o /S/ é medial e anterior às oclusivas /p/, /k/ e /g/, assim como à fricativa /f/ também apresentam índices elevados de realização alveolar. As outras realizações são casos isolados, como, por exemplo, a glotal da palavra “pescoço” [peh'kosu] e o apagamento que resulta de uma nasalização da vogal precedente na palavra “esfriar” [ẽ frɪ'a].

O contexto em que o /S/ é final e parte da raiz também apresenta índices elevados de alveolar. Neste contexto, observa-se que o apagamento (zero fonético) é quase inexistente, se comparado ao índice de apagamento quando o /S/ está em um contexto final e tem caráter morfológico (desinência de plural). A variante aspirada alcança um índice de 2,86%, em respostas nas quais o falante acrescentava, após a pronúncia do fonema, um marcador discursivo “né” ([ˈtrejɦ ˈnɛ], por exemplo).

No que se refere ao contexto medial anterior à oclusiva /b/, o fonema realiza-se foneticamente, em sua maioria, como alveolar sonora (43,75%). No entanto, o apagamento (zero fonético) apresenta índices consideráveis (34,38%), em sua maioria ocorrências da palavra “esburacada”, pronunciada sem o prefixo (“buracada”) ou com nasalização da vogal inicial do prefixo (“emburacada”). Essa palavra parece ser uma variante mais formal, tendo em vista sua dicionarização, no entanto não deve estar registrada no léxico mental desses informantes. Em seu lugar se encontram as variantes não dicionarizadas ainda. Este contexto mostra-se propício, ainda, à variação glotal (21, 88%), ou seja, ocorre perda do ponto de articulação, tendência observada por Hora *et al.* (2010) e que, de acordo com eles, demonstra o enfraquecimento da fricativa coronal na posição pós-vocálica, tendo em vista a ascendência que começa pela fricativa coronal alveolar, mais frequente, passa pela fricativa coronal palatal e chega à fricativa glotal.

No contexto medial anterior à oclusiva /d/, a variante com maior índice é a alveolar sonora (54,55%), todavia, no contexto, também se mostrou muito

produtivo o uso da variante glotal com 45,45% dos dados. Nota-se que o traço [+sonoro] faz o segmento /d/ subir um ponto na escala de sonoridade e, conseqüentemente, não privilegia o uso da variante pós-alveolar, o que também comprova o uso diferenciado do /S/ pós-vocálico antes do segmento [t], seu correspondente surdo, conforme se apresenta adiante. O que se observa, nesse caso, é o contrário, diante da sonoridade desse segmento o /S/ perde ponto de articulação, tornando-se enfraquecido.

É oportuno observar, ainda, o contexto medial anterior à nasal /m/, no qual, semelhantemente ao contexto anterior, embora apresente índice de 50% para a variante alveolar, também se mostrou propício à realização da variante glotal (48,81%). Os índices de pós-alveolar não são significativos, conforme se observa na tabela 2. Este contexto também é formado por uma consoante que, na escala de sonoridade, apresenta alto grau de sonoridade, levando o /S/ à perda do ponto de articulação, enfraquecendo-se.

## b) Contextos que privilegiam o uso da variante pós-alveolar

O contexto exposto na tabela 3 é o único que apresenta maior índice de realização da variante pós-alveolar do /S/ pós-vocálico.

Tabela 3 – Contextos fonético-fonológicos que privilegiam o uso da variante pós-alveolar do /S/ pós-vocálico

Contexto	Exemplo	Alveolar	Pós-alveolar	Glotal	Zero Fonético
Medial anterior à oclusiva /t/	Estrada	0%	100%	0%	0%

Os resultados para esse contexto apontam o segmento seguinte [t] como um forte condicionador para a articulação da variante pós-alveolar surda nos municípios investigados. O uso dessa variante é categórico, conforme se apresenta na tabela 3.

Sem dúvida, é este o dado mais curioso desta pesquisa: um contexto que contraria categoricamente a tendência diatópica para o uso da variante alveolar. Encontra-se explicação para esse fenômeno na teoria da sílaba,

especialmente no princípio de sonoridade responsável pela formação da sílaba. Na escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904 apud HOOPER, 1976), o [t] está no nível mais baixo, o das consoantes oclusivas e fricativas surdas, o que por si só já é um ambiente propício ao uso da variante pós-alveolar, mais “carregada” foneticamente que as demais, a fim de seguir o movimento de acento e declive silábico. No grupo das oclusivas e fricativas surdas, se encontrariam, ainda, os segmentos /p/, /k/ e /f/, no entanto nestes contextos não ocorre chiamento do /S/ pós-vocalico. O que levaria ao tratamento diferenciado antes do segmento [t]? A resposta dessa vez vem da teoria clássica dos traços distintivos. Deste grupo, apenas o [t] tem, em sua matriz fonológica, um traço em comum com o [s], o traço [+coronal], participando da mesma classe natural, conforme se demonstra a seguir:

[t]	[s]	[ʃ]
+ consonantal	+ consonantal	+ consonantal
- vocálico	- vocálico	- vocálico
- soante	- soante	- soante
- contínuo	+ contínuo	+ contínuo
<b>+ coronal</b>	<b>+coronal</b>	- coronal
+ anterior	+ anterior	- anterior
- sonoro	- sonoro	- sonoro

Assim, a semelhança no ponto articulatorio leva à aplicação do princípio de sonoridade para a boa formação das sílabas. Essa é mais uma hipótese que necessita de maiores investigações.

### c) Contextos que privilegiam o uso da variante glotal

Os contextos apresentados na tabela 4 apresentam maiores índices de realização da variante glotal do /S/ pós-vocalico.

Tabela 4 – Contextos fonético-fonológicos que privilegiam o uso da variante glotal do /S/ pós-vocálico

Contexto	Exemplo	Alveolar	Pós-alveolar	Glotal	Zero Fonético
Medial anterior à lateral //	Desliga	0%	5,56%	94,44%	0%
Medial anterior à africada [tʃ]	Poste	0%	45,31%	54,69%	0%

No contexto medial anterior à lateral //, a variante glotal apresentou um índice de 94,44% das ocorrências, sendo categórica em dois dos três municípios estudados. Apenas em Tapauá ocorreu a pós-alveolar, o que representa um índice de 5,56%. Mais uma vez, observa-se o enfraquecimento do fonema em estudo pela posição antecedente a um segmento com alto grau de sonoridade na escala.

Ao comparar os resultados até aqui apresentados, nota-se que quanto mais alto na escala está o segmento seguinte, maiores são os índices de enfraquecimento do /S/ pós-vocálico. Diante da oclusiva sonora /d/, já temos um índice de 45,45%; diante de nasal /m/, 48,81% e diante de lateral //, os percentuais chegam a 94,44%. Tais segmentos, respectivamente, encontram-se na escala em um grau ascendente de sonoridade, assim como os índices de enfraquecimento apresentados, conforme se observa na sequência.

Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterais < trill e tape < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas (ESCALA DE SONORIDADE)

[t] < /d/ < /m/ < // (CONTEXTOS OBSERVADOS)

[h] 0% < 45,45% < 48,81% < 94,44% (Enfraquecimento)

Por sua vez, o contexto medial anterior à africada [tʃ] também se mostra propício ao uso da variante glotal com um índice de 54,69%. No entanto, são também significativos os índices de pós-alveolar (45,31%). Tem-se aqui um fato curioso. Pela regra de palatalização, já mencionada anteriormente, o traço [+alto] do segmento vocálico /i/ torna palatal o fonema /t/. Essa mudança, por sua vez, influencia a pronúncia do /S/ pós-vocálico que antecede este fonema, uma vez que, como africada, ganha mais sonoridade na escala levando o

falante a pronunciar também, além da já explicada ocorrência de pós-alveolar antes de /t/, o fonema como glotal, som enfraquecido. Por tais razões, considerou-se o fonema antes de /t/ em dois contextos diferentes, representados entre colchetes (representação fonética) ao invés das barras, características da representação fonológica – anterior à oclusiva [t] e anterior à africada [tʃ].

d) Contextos que privilegiam o uso da variante zero fonético (apagamento)

A tabela 5 mostra o alto índice de apagamento do /S/ pós-vocálico.

Tabela 5 – Contextos fonético-fonológicos que privilegiam o uso da variante zero fonético do /S/ pós-vocálico

Contexto	Exemplo	Alveolar	Pós-alveolar	Glotal	Zero Fonético
Final como morfema de plural	Reais	32,22%	1,11%	0%	66,67%

Nesse contexto, é muito produtivo o apagamento (zero fonético), que chega ao índice de 66,67%. Nos casos em que o fonema é marcado, a variante utilizada é a alveolar (32,22%). Os índices de pós-alveolar são pouco significativos.

Esses resultados, quando comparados aos resultados para o contexto final em que o /S/ faz parte da raiz da palavra, comprovam obedecer o apagamento aos limites morfológicos, visto que, se faz parte do morfema lexical, o fonema dificilmente é apagado, enquanto, se for morfema gramatical (de plural), já marcado em outras palavras do enunciado, apresenta maior tendência ao apagamento.

A metodologia da pesquisa também permitiu uma análise dos dados considerando as variáveis sociais gênero e faixa etária:

## **Variável gênero**

De acordo com Labov (2008), em situação de fala monitorada, as mulheres usam menos formas consideradas estigmatizadas do que os homens, sendo mais sensíveis ao padrão de prestígio. O autor enfatiza que “essa observação é confirmada inúmeras vezes, em Fischer (1958), em todo o trabalho de Shuy & Fasold em Detroit, em Lavine & Crockett, e no estudo de Anshen em Hillsboro” (p.281). Labov (2008), referindo-se à pesquisa de Gauchat (1905), sobre a diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey, afirma que, além de estabelecer a variabilidade do dialeto da aldeia e a existência de mudança em progresso, o estudo estabeleceu o papel das mulheres na promoção da mudança linguística, uma vez que o estudo, caso após caso, demonstrou que as mulheres usavam mais as formas linguísticas inovadoras do que os homens. O autor ainda aponta comportamento semelhante na evolução do inglês em Nova York. Seus estudos comprovam que as mulheres usam formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem no outro extremo da fala monitorada.

Como se observa, em uma pesquisa sociolinguística, é importante definir quais variantes são conservadoras e quais são inovadoras, bem como quais são estigmatizadas e prestigiadas em determinada região. No que se refere às variantes do /S/ pós-vocálico na microrregião do Purus, destaca-se que, historicamente, a variante que se difundiu no Brasil foi a alveolar, sendo, portanto, definida nesta pesquisa como variante conservadora. Tal definição caracteriza as demais variantes como inovadoras. No que se refere à definição do prestígio e estigma das variantes, são necessárias investigações mais detalhadas, porém, nas localidades investigadas, pode-se levantar a hipótese de que a variante alveolar também se configura como variante de prestígio, enquanto as variantes glotal e zero fonético são mais estigmatizadas.

De modo geral, a variante do /S/ pós-vocálico se distribui na região estudada, conforme mostra a tabela 6:



Tabela 6 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero

VARIANTES DO /S/	GÊNERO			
	Masculino		Feminino	
Alveolar	241/438	(55,02%)	264/433	(60,97%)
Pós-alveolar	99/438	(22,6%)	78/433	(18,01%)
Glotal	57/438	(13,01%)	54/433	(12,47%)
Zero fonético	41/438	(9,36%)	37/433	(8,55%)

Embora se mostre bastante equilibrada, a distribuição das variantes revela um aumento no índice de alveolar e, conseqüente, diminuição no de pós-alveolar, no gênero feminino em relação ao masculino, o que permite supor ser a segunda variante a mais inovadora, uma vez que os falantes do gênero feminino costumam apresentar um falar mais conservador. As variantes glotal e zero fonético, embora com índices muito aproximados nos dois gêneros, confirmam a tendência em considerar o falar dos homens como inovador, se se consideram essas variantes também como inovadoras, tendo em vista a maior incidência no falar masculino.

Na tabela 7, expõem-se os resultados da variável gênero por localidade, com vistas a identificar se os municípios apresentam alguma particularidade com relação a essa variável.

Tabela 7- Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Boca do Acre, Lábrea e Tapauá

	VARIANTES DO /S/	GÊNERO			
		Masculino		Feminino	
Boca do Acre	Alveolar	77/149	(51,68%)	89/147	(60,54%)
	Pós-alveolar	42/149	(28,19%)	28/147	(19,05%)
	Glotal	19/149	(12,75%)	17/147	(11,56%)
	Zero fonético	11/149	(7,38%)	13/147	(8,84%)
Lábrea	Alveolar	78/145	(53,79%)	86/142	(60,56%)
	Pós-alveolar	27/145	(18,62%)	23/142	(16,20%)
	Glotal	24/145	(16,55%)	20/142	(14,08%)
	Zero fonético	16/145	(11,03%)	13/142	(9,15%)
Tapauá	Alveolar	84/143	(59,72%)	89/144	(61,81%)
	Pós-alveolar	31/143	(20,83%)	28/144	(18,75%)
	Glotal	14/143	(9,72%)	16/144	(11,81%)
	Zero fonético	14/143	(9,72%)	11/144	(7,64%)

Os já mencionados aumentos nos índices de alveolar e diminuição nos de pós-alveolar no sexo masculino em relação ao feminino distribuem-se igualmente nas três localidades. Chama atenção a maior incidência das variantes glotal e zero fonético no município de Lábrea, o que colocaria a localidade no patamar de mais inovadora entre as três, o que já era esperado, tendo em vista ser esta a localidade mais desenvolvida economicamente e mais populosa da região. De igual modo e pelas mesmas razões, Tapauá também parece ser entre as três a localidade mais conservadora, apresentando índices mais altos da pronúncia alveolar. Essa questão é retomada na tabela 8, com vistas a saber se esta classificação se confirma com os dados contabilizados pela análise diageracional.

### **Variável faixa etária**

Da mesma forma, aqui não se considera o traço de sonoridade.

Tabela 8 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária

VARIANTES DO /S/	FAIXA ETÁRIA		
	1ª (18 a 35 anos)	2ª (36 a 55 anos)	3ª (mais de 55 anos)
Alveolar	176/291 (60,48%)	161/286(56,29%)	168/294(57,14%)
Pós-alveolar	48/291 (19,93%)	57/286 (19,93%)	62/294 (21,09%)
Glotal	36/291 (12,37%)	40/286 (13,99%)	35/294 (11,9%)
Zero fonético	21/291 (7,22%)	28/286(9,79%)	29/294 (9,86%)

Embora não se verifiquem grandes diferenças, observa-se que a alveolar é mais incidente na 1ª faixa etária, enquanto a pós-alveolar o é na 3ª, o que não confirma a pós-alveolar como uma variante inovadora, posto que se considera que os jovens apresentam um falar mais inovador. Por sua vez, a glotal apresenta-se como variante inovadora, sendo mais produtiva entre os mais jovens (1ª e 2ª faixa etária). Já o apagamento é mais comum entre os mais velhos, pois seus maiores índices encontram-se na 2ª e na 3ª faixa etária.

A tabela 9 traz os resultados dessa variável por localidade.

Tabela 9 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Boca do Acre, Lábrea e Tapauá

	VARIANTES DO /S/	FAIXA ETÁRIA		
		1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
Boca do Acre	Alveolar	58/99 (58,59%)	53/98 (54,08%)	55/99 (55,56%)
	Pós-alveolar	19/99 (19,19%)	22/98 (22,45%)	29/99 (29,29%)
	Glotal	14/99 (14,14%)	13/98 (13,27%)	9/99 (9,09%)
	Zero fonético	8/99 (8,08%)	10/98 (9,09%)	6/99 (6,06%)
Lábrea	Alveolar	60/97 (61,86%)	46/92 (50%)	58/98 (59,18%)
	Pós-alveolar	16/97 (16,49%)	17/92 (18,48%)	17/98 (17,35%)
	Glotal	14/97 (14,43%)	18/92 (19,57%)	12/98 (12,24%)
	Zero fonético	7/97 (7,22%)	11/92 (11,96%)	11/98 (11,22%)
Tapauá	Alveolar	58/94 (61,7%)	62/95 (65,26%)	55/99 (55,55%)
	Pós-alveolar	22/94 (23,4%)	17/95 (17,89%)	18/99 (18,18%)
	Glotal	8/94 (8,51%)	9/95 (9,47%)	14/99 (14,14%)
	Zero fonético	6/94 (6,38%)	7/95(7,37%)	12/99 (12,12%)

A distribuição das variantes nas faixas etárias é bastante peculiar em cada localidade. No município de Boca do Acre, a pronúncia alveolar e glotal é mais incidente na 1<sup>a</sup> faixa etária, a pós-alveolar na 3<sup>a</sup> e o zero fonético na 2<sup>a</sup>. Em Lábrea, a alveolar tem maiores índices na 1<sup>a</sup> faixa etária e as demais variantes na 2<sup>a</sup>. Já em Tapauá, a alveolar apresenta maior incidência na 2<sup>a</sup> faixa etária, a pós-alveolar na 1<sup>a</sup> e a glotal e zero fonético na 3<sup>a</sup>. Essa maior incidência da alveolar em Tapauá talvez contribua para a afirmação de que esta localidade possa ser a mais conservadora entre as três, tendo em vista que a 2<sup>a</sup> faixa etária é do trabalhador ativo, da responsabilidade, sendo comum nessa faixa etária o conservadorismo até mesmo na linguagem.

Embora se tenha tecido aqui considerações sobre variantes inovadoras e conservadoras, bem como estigmatizadas ou prestigiadas, é importante ressaltar que os dados demonstram que, no que se refere às variações diagenérica e diageracional, o /S/ pós-vocálico na microrregião estudada é um fenômeno fonético estável, ou seja, não há índices que apontem para uma mudança linguística. A pronúncia alveolar tem se configurado como a variante prestigiada na comunidade, mesmo sendo a variante mais conservadora. Portanto, para esse fenômeno na região, observou-se que uma análise

pautada no condicionamento linguístico se mostrou mais válida que uma análise pautada em condicionamento social, especialmente diagenérico e diageracional.

## Considerações Finais

Observou-se que a variante mais frequente entre os sujeitos da pesquisa foi a alveolar, dado que corrobora a hipótese de Cruz (2004) sobre a divisão dialetal do Estado do Amazonas em duas áreas, umas das quais se incluiria o falar do Purus, caracterizado pela pronúncia alveolar. Essa predominância alveolar foi então atribuída aos migrantes nordestinos (maranhenses e cearenses) que fundaram as cidades à época do ciclo da borracha no Amazonas. Observou-se ainda a distribuição das variantes em contextos fonológicos e confirmou-se a hipótese de que determinados contextos privilegiam o uso de uma ou outra variante. Assim, a variante pós-alveolar, por exemplo, mostrou-se produtiva em contexto medial antes de oclusiva [t]; já a variante glotal, mostrou-se produtiva em contexto medial anterior a nasal, lateral e africada; e o apagamento (zero fonético) em contexto final quando o /S/ pós-vocálico é morfema de plural. Essas particularidades encontraram na escala de sonoridade uma possível explicação – quanto mais soante na escala for o segmento posterior ao /S/ pós-vocálico, mais este se torna enfraquecido. Por essa razão, os maiores índices de enfraquecimento se encontram antes da lateral //, consoante mais soante na escala. Em sentido contrário, o uso da pós-alveolar, variante mais “carregada”, encontra ambiente propício antes de oclusiva [t] não só por este segmento ser surdo e está no nível mais baixo na escala, mas também por dividir com o segmento /S/ o traço [+coronal], traço não presente nas demais oclusivas e fricativas surdas. Observou-se o fator social dos dados por meio da análise das variáveis gênero e faixa etária. Essa análise constatou que, embora com índices muito aproximados entre os gêneros e entre as faixas etárias, a variante alveolar tem se mostrado como conservadora e a glotal como inovadora. Mostrou, ainda, que entre as localidades investigadas, Tapauá parece ser a mais conservadora e Lábrea a mais inovadora, no entanto, é necessário proceder a uma investigação mais

aprofundada, com maior número de informantes, para que se faça qualquer afirmação dessa natureza, tendo em vista a estabilidade do fenômeno na região, constatada pela proximidade nos índices.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; KELLER, Tatiana. **Sílaba**. In BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). Teoria da Otimidade: fonologia. São Paulo: Pontes, 2010, p. 57-92.

CALLOU, Dinah; MORAES, J. Antônio. **A Norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos**: Distribuição por áreas regionais. In: Diversidade Linguística e Ensino. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1996.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. **The role of the sonority cycle in core syllabification**. In KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs.). Papers in laboratory phonology. Cambridge: CUP, 1990, p. 283-333.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

HOOPER, Joan. **An Introduction to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermerval da; PEDROSA, Juliene L. R.; CARDOSO, Walcir. **Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?** Letras de Hoje. v. 45, n. 1, p. 71-79. Porto Alegre: jan./mar. 2010.

JESPERSEN, O. **Lerbuch der phonetic**. Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1904.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAIA, Edson Galvão. **A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá**. Manaus: UFAM, Programa

de Pós-graduação em Letras, 2012. Dissertação de Mestrado em Letras – Estudos da Linguagem.

PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH, 1993.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance**. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

SCHERRE, Maria Marta P. e MACEDO, Alzira T. **Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico**. In: ABRALIN. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho/ 1991.

SIERVES, E. **Gründzuge der Phonetik**. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1881.